



## A LITERATURA NO CONTEXTO MULTILÍNGUE DE MACAU: NÃO PERTENCIMENTO, ABANDONO E ORFANDADE

*Monica Muniz de Souza Simas<sup>1</sup>*

### Resumo

O principal objetivo deste trabalho é percorrer um pequeno, mas significativo repertório da literatura da RAEM, através de um aporte multilíngue, às vezes, recorrendo a traduções, para identificar vozes de grupos que se apresentam ou são apresentados como que destituídos do centro do poder, embora, em princípio, seja possível mostrar, através da interlocução das vozes, que centro e periferia alternam-se conforme as circunstâncias culturais, históricas e políticas. Essa é uma amostra de uma pesquisa que se pretende mais alargada em termos de repertório, sendo que parte dos mesmos problemas e da mesma abordagem. Metodologicamente, o acréscimo de línguas na análise literária será usado como “suplemento”, tal qual Joan Scott (2011) o emprega para pensar a história das mulheres a partir de *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf, ou seja, um termo que não chega a construir uma resolução dialética como propõe a *episteme* ocidental, através de uma indefinição propositada. Isso significa dizer que não se trata de observar o não pertencimento, os órfãos e os abandonados somente pelo viés de novos objetos temáticos dentro de um discurso estabelecido, mas permitir que as suas vozes, mesmo que representadas, desestabilizem certas ações discursivas consagradas.

**Palavras-chave:** Literatura de Macau, multilinguismo, orfandade.

### Abstract

The main objective of this work is to go through a small, but significant repertoire of MSAR literature, through a multilingual input, sometimes using translations, to identify the voices of groups that present themselves or are presented as if they are deprived of the center of power, although, in principle, it is possible to show, through the interlocution of voices, that center, and periphery alternate according to cultural, historical and political circumstances. This is a sample of a research that is intended to be larger in terms of repertoire, but parts of the same problems and the same approach. Methodologically, the addition of languages in literary analysis will be used as a “supplement”, just as Joan Scott (2011) uses it to think the history of women from *A ceiling all yours*, by Virginia Woolf, that is, a term that does not come to build a dialectical resolution as proposed by the western *episteme*, but through a purposeful lack of definition. This means that it is not a matter of observing non-belonging, the orphans, and those abandoned only by the bias of new thematic objects within an established discourse, but allowing their voices, even if represented, to destabilize certain consecrated discursive actions.

**Keywords :** Literature of Macao, multilinguism, orphanage

---

<sup>1</sup> Pós-doutora pela UFF (2019) e pela Universidade de Macau (2015). Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.



## **Apresentação - Por uma nova abordagem para o estudo da literatura da RAEM (Região Administrativa Especial de Macau)**

Dirigir o olhar à experiência daqueles cuja existência é tão frequentemente ignorada ou apenas mencionada de passagem em discursos históricos e sociais significa proporcionar novas perspectivas de entendimento sobre um lugar. Vinte anos depois da transição da administração de Macau, com a criação da Região Administrativa Especial, a RAEM, a percepção de que este espaço tenha sido o de “encontro” ou o de “refúgio”, usado constantemente em discursos oficiais sobrepõe-se a outras sensibilidades como as que envolvem situações de não pertencimento, abandono e orfandade. Assim, para ampliar a compreensão acerca das vozes que circulam na RAEM, em torno de uma temática que começou a ser estudada muito recentemente, é necessário, inevitavelmente, verificar as circunstâncias da sua formação histórico-social. No caso da literatura, torna-se imprescindível desafiar a tradição que evoca nacionalismos de base monolíngue, reforçada principalmente no decorrer do século XIX.

Ao que tudo indica, a região parece ter-se desenvolvido de forma fragmentada, cheia de separações, em contextos políticos desiguais sendo que, no curtíssimo período dessas últimas décadas, teria deixado de ser uma cidade pequena para passar a metrópole e, para alguns, depois, ainda ter-se transformado em megalópole. Basta ver a soma de ideias que circularam em *Culture of Metropolis in Macau. International Symposium on Cultural Heritage – Strategies for the Twenty-first Century* (CHEN ed., 2001). A noção de que processos históricos, migratórios, econômicos e políticos fizeram da região de Macau um espaço multicultural e plurilíngue não é nova e as consequências disso para as novas políticas linguísticas que envolvem o multilinguismo têm sido bastante apontadas (GROSSO, 1999; FILIPE, 1999; CORREIA, 1999; CHEN, 2001; BORDEN, 2001; TEIXEIRA E SILVA, 2012; TEIXEIRA E SILVA, LIMA-HERNANDES, 2014). É imprescindível observar que os estudos literários têm muito a crescer se fizerem uma aproximação aos debates que vêm ocorrendo nos estudos de língua e de linguística. Nos últimos anos, as discussões promovidas pelo Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP) já em sua 7ª. edição; pelo *Crossings* e pelos congressos do Laboratório de Interloquções com a Ásia (LIA-USP), ambos em sua 3ª. edição, só para dar alguns exemplos, têm revelado uma série de novas perspectivas para se compreender as relações entre o Brasil e a Ásia ou, ainda, o Brasil, Portugal e a Ásia. Termos, como “língua de contato” ou “língua de herança” ou, ainda, “segunda língua” não encontram, por exemplo, equivalência nos estudos literários, mas poderiam abrir novos horizontes. Sem paralelo, nos estudos literários, e apesar da expansão da teoria e das críticas pós-coloniais, a maioria dos estudos parece permanecer debruçada comumente sobre a pluralidade de literaturas de forma segmentada, agrupando repertórios textuais na forma de “literaturas de língua portuguesa de Macau”, ou “literaturas de língua inglesa de Macau” ou “literaturas de língua chinesa de Macau” e, assim, por diante.

Ainda que sob a orientação segmentada, chama a atenção, entre os estudos da literatura

de Macau, o trabalho de Cheng Wai Min (ZHENG WEIMING, 1995), já que, talvez, tenha sido o primeiro a definir que essa literatura estaria aberta a todas as línguas e que ela não poderia ser considerada somente em relação aos escritores que nasceram no território (ou mesmo que fossem nele residentes). Uma noção importante do seu texto “Literatura chinesa de Macau entre os anos oitenta e princípio dos anos noventa” seria o de refletir sobre Macau a partir das suas próprias características: fluxos intensos migratórios, incluindo as diásporas. Ele aponta para a necessidade de uma conceituação flexível daquilo que nós poderíamos identificar como sendo literatura da região. Abraçar essa perspectiva significa dizer que quanto mais variada for a leitura do literário em termos de autores, línguas e meios de (re)produção, mais estaremos próximos de começar a lidar com um fenômeno de alta complexidade. Essa discussão refere-se obviamente às condições de recepção e de crítica além das de tradução que ocupam, sem dúvida, um papel chave nesse processo. Também David Brookshaw (2010), em “A escrita de Macau: uma literatura de circunstâncias ou as circunstâncias de uma literatura” e Ana Paula Laborinho (2010), em “Macau e a escrita. Termos de um problema”, buscaram estabelecer novos modos para o problema do contorno da literatura de Macau, referindo múltiplas circunstâncias como fatores institucionais. A síntese sobre o debate acerca dos problemas de definição conceitual pode ser avaliada através de uma discussão ampla, apresentada em “Macau: a plural literature?” (SIMAS, 2016).

O fato é que apesar de as reconfigurações territoriais, depois da Segunda Guerra Mundial, terem afetado praticamente todas as áreas de estudo europeias, a crítica literária, em português, feita em Portugal, acaba, nas palavras de Pedro Mexia “por se reduzir quase ao que antigamente se chamava ‘metrópole’” (MEXIA, 2003, p. 140). As realidades culturais a que se atém o autor são Goa, Timor e Macau, entre outras comunidades da Ásia. Portanto, se por um lado é necessário expandir o estudo do fenômeno literário em função de uma geografia mais alargada da língua portuguesa (ou das línguas portuguesas), por outro, muito mais necessário será, ainda, verificar os cruzamentos com outros grupos étnico-linguísticos que interagem culturalmente a partir de uma variada gama de negociações, que podem ir desde aproximações e cumplicidades até fricções e conflitos bastante identificáveis. Pensar a literatura em suas projeções de alteridade a partir de outros grupos linguísticos favorece um estudo mais relacional, aproximando-se de uma abordagem macrossociológica em que as análises textuais superam a ideia de uma unificação do mundo a partir da expansão europeia. Mais do que isso, pode evidenciar discursos de subalternização que instabilizam a fixidez dos discursos oficiais, como propõe Homi Bhabha (1998), em *O local da cultura*, na sua interrogação acerca dos discursos coloniais.

Foi Rui Rocha (1998) um dos primeiros estudiosos a enfatizar que se Macau é uma sociedade multicultural, tudo deveria fluir a partir desta característica: as suas leis, as suas instituições, as suas escolas e os seus currículos. O principal objetivo deste trabalho é percorrer um pequeno, mas significativo repertório da literatura da RAEM, através de um aporte multilíngue, às vezes, recorrendo a traduções, para identificar vozes de grupos que se apresentam ou são

apresentados como que destituídos do centro do poder, embora, em princípio, seja possível mostrar, através disso, que centro e periferia alternam-se conforme as circunstâncias culturais, históricas e políticas. Essa é uma amostra de uma pesquisa que se pretende mais alargada em termos de repertório. Metodologicamente, o acréscimo de línguas na análise literária será usado como “suplemento”, tal qual Joan Scott (2011) o emprega para pensar a história das mulheres a partir de *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf, ou seja, um termo que não chega a construir uma resolução dialética como propõe a *episteme* ocidental, através de uma indefinição propositada. Isso significa dizer que não se trata de observar o não pertencimento, os órfãos e os abandonados somente pelo viés de novos objetos temáticos dentro de um discurso estabelecido, mas permitir que as suas vozes, mesmo que representadas, desestabilizem certas ações discursivas consagradas. O período analisado centra-se nos últimos 20 anos e no incontornável período de transição (1987-1999), pois, segundo todos os estudiosos citados, o marco que terá trazido uma mudança significativa às políticas linguísticas e também à compreensão acerca do fenômeno literário terá sido a Declaração Conjunta de 1987, quando o Estado de Portugal e da República Popular da China acordaram que Macau passaria a ser uma Região Especial, de acordo com a fórmula “um país, dois sistemas”, de Deng Xiaoping. Naquele momento, a RAEM optou por manter o português, como uma das suas possíveis línguas oficiais, tendo sido esta decisão depois ratificada, regendo a região até 2049.

### **Entre recantos e à globalização: ruínas.**

Quem chegar a RAEM, hoje, será logo convidado a visitar os locais históricos da cidade, as edificações que marcam a presença portuguesa, geralmente, edifícios construídos ou restaurados, primeiro, no século XIX e, depois, no rearranjo da malha urbana no período de transição sob os cuidados de instituições ligadas à herança cultural. Entre eles está o quarteirão do Leal Senado, da Igreja de São Domingos e da Santa Casa da Misericórdia (esta construída no século XVIII), conhecido como “verdadeiro coração da cidade” e uma espécie de “ponto de encontro geral”. Apesar de este ser o “coração” da cidade, Papa Osmubal (2011, p. 22) em *Pan Chai: a Filipino boy in Macao*, interroga o fato de a globalização tomar conta do pequeno espaço, relegando, muitas vezes, a herança cultural portuguesa ao patamar de simples mercadoria no comércio de símbolos.

leal senado square, macau

[...]

A Mc Donald's occupying in 18th century Portuguese building

that would have best proven its cultural Worth

if it only had been converted into a museum, or a theater, perhaps,

Nobody makes much fuss about this:

the past, anyway, not the present, no the future

is the mother of this thing they call globalization  
The place is noticeable only for its famed Golden Arches;  
“I’m Loving It!” and everything else are in Chinese.  
One does not need to be a polyglot or a linguist to order:  
just smile say “nei hou” and point to the pictures on the menu.  
In front of the building is an old catholic church  
erected by Spanish priests and their Filipino servants  
[...]  
In one far corner Pakistanis and Sri Lankans enjoy their Tsingtao beer;  
in the other, young girls and boys in school uniforms  
learn a thing not in their textbooks: to smoke  
By the fountain built in honor of the long-gone Portuguese empire  
a dirty and greasy loony whispers something no one understands.  
Nothing seems to make sense in this place, but life goes on. <sup>2</sup>

“Se pelo menos tivesse sido convertido em museu, ou em um teatro, talvez” – no poema há um corte sobre a hesitação como se a possibilidade de alguma reflexão a ser feita acerca disso fosse impedida, para continuar com o verso que expressa exatamente o que está ao final: “Ninguém faz muito barulho sobre isso”. Antes de prosseguir a leitura do poema de Papa Osmubal, é preciso fazer um pequeno desvio e mostrar que, apesar de não haver um movimento coletivo forte de resistência frente aos poderes que decidem o destino da RAEM, como os que acontecem em Hong Kong, nas sendas da poesia, aparecem muitas evidências das contradições dos rumos que a região tem tomado. Só para marcar essa questão, o poema, “em frente ao mercado vermelho”, do poeta Christopher (Kit) Kelen (2013, p.19), conhecido poeta australiano, artista visual e professor de escrita criativa por vários anos na RAEM, enumera coisas vermelhas para afirmar que “vermelho é para o sangue/ que todos esperam não derramar/ hoje é um dia assinalado”. Do mesmo poeta, “Macau: Apóstrofe” (p. 23), por sua vez, apresenta uma seriação desconcertante de inúmeros agravos que qualquer um pode estar sujeito, na RAEM, em um tempo de poucas cordialidades. Também Yao Feng (Yao Jingming), poeta

---

<sup>2</sup> “o quarteirão do leal senado, macau”/ Um McDonald ocupa um prédio português do século XVIII/ que poderia mostrar melhor a sua riqueza/ se pelo menos tivesse sido convertido em um museu, ou um teatro, talvez./ Ninguém faz muito barulho por isso:/ o passado de qualquer jeito, não o presente, não o futuro/ é a mãe desta coisa que eles chamam de globalização/ O lugar é conhecido somente por seus famosos Arcos Dourados;/ “Estou Amando Isso!” e tudo o mais está em chinês./ Uma pessoa não precisa ser um poliglota ou um linguista para pedir:/ só sorria, diga “nei hou” [olá] e aponte as fotografias no menu./ Em frente ao edifício está uma igreja católica antiga/ erigida por padres espanhóis e seus servos filipinos [...] Em um quarteirão mais distante, paquistaneses e sirilancaneses têm prazer na sua cerveja Tsingtao/ em outro, meninas e meninos jovens em uniformes escolares/ aprendem uma coisa que não está nos seus livros de escola: a fumar/ Pela fonte construída em honra do já levado império português/ um maluco sujo e sebento sussurra alguma coisa que ninguém compreende/ Nada parece fazer sentido neste lugar, mas a vida segue” (Versão livre)

bilíngue, nascido em *Beijing* e residente de Macau, assinala o que parece ser um incidente, mas com a carga da violência e da opressão estruturais, usando uma linguagem direta e sempre impregnada de uma forte ironia.

em Cotai Venetian onde o céu é azul  
 durante vinte e quatro horas  
 vi um dedo cortado de operária a sangrar  
 numa lâmpada barroca, de luxo, de plástico  
 fabricada em Dong Guan  
 (YAO, 2012, p. 40)

Retornando à poesia de Papa Osmubal, essas problemáticas subserviências são expressas através da voz de um *pan chai*, que é a forma pejorativa que os vendedores do mercado usam para denominar os filipinos. Ele reverte o estereótipo em matéria prima da sua poesia, evocando a ambivalência do sujeito-significante. É aquele momento em que a *persona* subalterna fala, tornando-se sujeito observador e indicando que, “em um lugar sem sentido”, talvez, a voz que possa melhor identificá-lo seja equiparada ao “sussurro” do “maluco grisalho” que ninguém entende. De certa forma, o poema explicita a eterna incomunicabilidade e a solidão como uma das dimensões da cidade, talvez, uma herança cultural e histórica, sentida, mas pouco expressa e colada como cimento naquelas calçadas portuguesas. A situação de abandono e a busca por um lar e aceitação (só do subalterno, só do filipino, só do maluco grisalho?) são dramatizadas em três atos no poema “pan chai” (OSMUBAL, 2011, p. 35), sendo o primeiro, “in hong kong”; o segundo, “in zhuhai, guandong” e, finalmente, o terceiro, “in macau”, um poema lírico que começa com a frase “eu não sou chinês” e depois continua, dizendo que, mesmo assim, sob a luz da lua, ele é amarelo e que essa é a maneira como a natureza conta mentiras, a forma como ela consola. As estrelas olham pra ele fixamente e o seu brilho o esconde e também as suas dores. No poema, Papa Osmubal usa a palavra *gaze* que é a forma verbal para “olhar fixamente”, mas, em poesia, pode refletir também os sentidos do substantivo “gaze”, tecido fino de algodão usado para curar os machucados, ou seja, as suas magoas. Destituído das lideranças à frente do destino progressivo, abandonado pela sorte, pode habilmente enxergar outras cooptações ou sequestros como os apresentados no poema “Leal Senado square, macau”. Papa Osmubal gosta de afirmar que não é um “poeta” no sentido daquele sujeito que escreve coisas nobres e belas, mas um observador e ouvinte que escreve sussurros e gritos, como seus personagens, atravessando as fronteiras culturais. De qualquer modo, a sua condição “amarela” é marca de engano e desilusão, em fricção com o “amarelo” daqueles que o chamam de forma estereotipada, os chineses do mercado. Seus poemas encontraram, na edição de Christopher (Kit) Kelen, uma organização em sete partes bastante particular: “seu sussurro usual”, “o lugar que eu não posso encontrar”, “sou o espelho”, “a linguagem da poeira”, “o silêncio e a urgência das feridas”, “os segredos dos fantasmas e da eternidade”, “ladainhas das cinzas”. O percurso desenha um mapa da região

do ponto de vista daquela “história vista de baixo”, na expressão de Jim Sharpe (2011), em que a construção poética das experiências cotidianas passa pelo estranhamento e uma linguagem em menos, sem qualquer sentido épico.

Que diferença com relação àquela poesia escrita nos anos 80, que evocava, no trânsito por Macau, um nostálgico retorno às representações do império, ainda que observadas sob o ponto de vista da ruína (Ver SIMAS, 2007). Se fosse possível recuar no tempo, talvez o próprio mito de Macau, constituído como uma *cidade aberta*, tenha favorecido uma espécie de cegueira às discrepâncias envolvidas. A ideia de que a região, por ter sido um entreposto comercial, uma cidade por onde várias pessoas de diferentes origens passaram e algumas se fixaram, caracterizando um “ponto de encontro” de diferentes culturas parece ter sempre encoberto as tensões que as comunidades viveram internamente, permitindo que estratégias de segregação fossem permissivamente toleradas, principalmente no período da administração colonial (1846-1987).

Christina Miu Bing Cheng (1992) em *Macao: a cultural Janus*, ou Ana Maria Amaro (1991) em “Macau, terra de contrastes”, ou ainda Cabral e Lourenço (1993) *Em terra de tufões, dinâmicas de etnicidade macaense* ratificam a noção de que a cidade cresceu com discrepâncias e cheia de conflitos. Há relativamente pouco tempo, a revista *Macau* trouxe uma reportagem de Paulo Barbosa (2012), “Nos tempos em que Macau era bairrista”, acerca do desenvolvimento dos bairros da RAEM, com depoimentos que reforçam a relação entre as estruturas da cidade e posições específicas de poder. Na reportagem, Tereza Sena (*In: BARBOSA, 2012, p. 33*) sublinha que exatamente por ter sido uma cidade que seguiu o modelo das Fortalezas do período das Navegações, já no século XVII, ela estava muralhada – a cidadela separada das pequenas aldeias chinesas, como Patane, Mong-Há e A-Má. Além disso, ela refere à zona de São Paulo, na colina fortificada, como “uma cidadela dentro da própria cidade”. Lembra que havia “uma coexistência de jurisdições sobre as populações, um pouco na linha de outras cidades portuárias asiáticas”, diferenciando, por consequência, as formas de cidadania da população. Na mesma reportagem, Vizeu Pinheiro (*In: BARBOSA, 2012, p. 33*) lembra a proibição dos chineses de viverem na cidade cristã e de “como foram formando cidades paralelas”. Só para dar um exemplo, a zona de Mong-Há, citada por Tereza Sena como uma das aldeias chinesas antigas, foi, de acordo com a história local coletada por Jason Wordie (2013), colonizada predominantemente por migrantes *hokkien* de Amoy, atual Xiamen, que fica perto da costa de Fujian, bastante diferente da Patane, ocupada por pescadores e muitos *tan ka* que deixaram a zona marítima para se estabelecerem em terra firme juntamente com comerciantes que chegavam de outras províncias de *Guandong*. É importante observar que todas essas distinções deixaram seus vestígios, percebidos nas configurações dos bairros da RAEM.

Nesse quadro histórico de desenvolvimento da região, o poema de Yi Ling, cidadã residente em Macau e portadora de bilhete de identidade de Hong Kong, nome poético de Cheong Mio San, “Uma espreitada às ruínas”, transporta um significado muito especial ao interrogar até

mesmo essa noção de cidades paralelas, como se o poder tivesse sido equitativamente disposto, entre chineses e portugueses.

Uma espreitada às ruínas

As gaivotas levaram no bico  
os últimos raios das estrelas  
reflexos à flor das águas  
enquanto a brisa matinal  
soprava os cabelos da jovem pescadora do mar de espelho  
A sua coroa imperfeita  
deixa estender sessenta e oito degraus da melancolia  
erguida como testemunho histórico  
da vida das formigas que vivem aglomeradas na colina

As pedras são mudas  
e o testemunho dos mudos é um papel em branco  
Apenas as pessoas mais cuidadas  
podem descobrir entre as fendas das pedras  
manchas de sangue  
prova dos crimes dos guerreiros e marinheiros

Não se sabe em que dia  
algumas pessoas vestiram o seu pensamento à moda ocidental  
e largaram a cultura chinesa  
num buraco de uma parede qualquer  
O musgo sem raíz  
sobrevive à sombra das pedras.  
(YAO e ARRIMAR (org.), 1999, p. 264)

É importante destacar que os “sessenta e oito degraus da melancolia” referem-se aos degraus que levam até a fachada da igreja Madre de Deus, do antigo Colégio São Paulo, única parte que restou do incêndio que devorou este centro de irradiação da missão cristã na Ásia, a “cidadela dentro da cidade”. À fachada, um *ex-libris* da cidade, vista como “testemunho histórico”, são acrescentadas imagens sugestivas como a “da vida das formigas” na colina e as



“manchas de sangue” nas fendas relativas a “crimes de guerreiros e marinheiros”. Na última estrofe enuncia-se uma interrogação com relação ao tempo em que o pensamento ocidental teria se sobreposto e a mudez das pedras que é como “um papel em branco”. Só o musgo desenraizado parece sobreviver. O poema fende a alegórica imagem das ruínas de São Paulo, introduzindo um jogo dialógico com inúmeros precedentes. O musgo que sobrevive nas fendas remete a um famoso poema de Tu Fu (Du Fu – 712 -770), conhecido como a “Primavera Distante”. Neste poema, o país está arrasado e restam apenas as montanhas e rios. Ao chegar à cidade, sua terra natal, a vegetação tomou conta dos muros e, praticamente, vê-se apenas o muro e o mato que cresce nas suas fendas. O sujeito poético sente uma angústia extrema a ponto de sentir a “época das flores”, a primavera, com lágrimas e se sobressaltar a cada pio das aves. A angústia refere-se não só ao estado de ruína, mas também ao fato de não se ter notícias do outro lado, ou seja, ao isolamento. A descrição explícita do sofrimento desse poema do famoso poeta da Dinastia Tang parece introduzir-se nas “fendas” do poema de Yi Ling com um agravante – o musgo sem raiz que “sobrevive à sombra das pedras”. O despertencimento com relação à terra natal está nas guerras e nos conflitos anteriores, mas, principalmente, no “pensamento ao modo ocidental” que “vestiu” a cultura chinesa. Ao entrelaçar ecos de angústia e de decadência na sua “espreitadela” das ruínas, Yi Ling atravessa a “mudez” das pedras, recolhendo os murmúrios de vários tempos que se interrogam acerca do destino daquela cidade que era chamada de “mar de espelho”, um dos nomes atribuídos pelos chineses a Macau, ocupada por simples pescadores locais. A imagem idílica que é levada com o anunciar do dia remete aos discursos das origens que, por uma questão de tempo e de espaço, não será possível desenvolver, pois a narrativa de que Macau teria começado com as missões cristãs se sobrepôs às demais na historiografia da região. No entanto, neste poema, o que se quer ressaltar está na “origem anterior”, levada no bico das gaivotas, a imagem de um horizonte perdido ao nascer do dia. Neste momento, cabe apenas reforçar que a fenda discursiva que Yi Ling instaura, aproxima-se bastante da noção daquele limiar de Homi Bhabha que foi referido na primeira parte desta reflexão, inclinándose a esse sentimento de destituição vivido por chineses, instabilizando a noção de que poderes equitativos, “paralelos”, regeram a região.

### **Aporias da tradução cultural**

Por outro lado, nem sempre, a poesia de língua portuguesa manifestou nostalgia com relação às marcas que o império português deixou. Algumas contemplações, evasões e perturbações sensoriais foram exploradas, marcando presságios, envolvendo temores e inquietações com relação ao limiar da transição ou às contradições da vida cotidiana. Dois poetas seguem caminhos bastante diferentes em direção ao *outro cultural*. Alberto Estima de Oliveira incentiva uma abstração dos obstáculos da cidade ao mesmo tempo que os exhibe como

aporia à ordenação dos sentidos. Fernanda Dias parece lançar-se de encontro a eles, extraíndo dos choques culturais, a matéria poética da sua obra. Esta insiste, nos seus quatro livros de poesia – *Horas de papel: poemas para Macau* (1992); *Rio de erhu* (1998), *Chá verde* (2002) e *O mapa esquivo* (2016) – em um visionarismo que agrega a memória dos imaginários com suas lendas e contação de histórias sem fim.

As inumeráveis permutas entre as culturas reforçam um consentido diálogo, em errância pela RAEM, feito de ambiguidades e equívocos. As ilusões e desilusões de um mundo, que não para de ruir, só reforçam, no entanto, uma poesia que se constrói com a reversibilidade do olhar através de ligações, superposições e reordenações que rasuram lugares comuns da vida urbana. Como os erros de tradução, os “tropeços” de linguagem são o alimento de uma sobrevivência bem especial que marca alguns autênticos ritos em direção à alteridade, às vezes exultante, às vezes decepcionante. Muitas vezes, a escrita se consoma no jogo de errar e decifrar; escutar e errar, mas procurando enfrentar esse *mapa esquivo*, mesmo que seja um desejo inalcançável. De outro modo, Alberto Estima de Oliveira, considerado por muitos de uma realidade humana radical, apostou em uma depuração do olhar para construir uma “alquimia/ afluente/ influente/ fluente”, ao lidar com as arrogâncias das diferenças.

navegava-se na arrogância das diferenças pela emaranhada  
teia de ruelas que constituía o centro da pequena cidade quase  
flutuante, misturavam-se os cheiros das especiarias com o  
hálito morno dos detritos. Fervilhava a vida nos contornos das  
faces opacas e nas paredes roídas pelo tempo, tudo se movia  
convulsionando as veias deste pequeno corpo, largos e  
esquinas de tendas de “min”, pato assado, frutos e vestuário.  
macau, 10 horas de uma manhã húmida de um julho espesso.  
caiu a noite absorvendo o dia [...] (ESSTIMA DE OLIVEIRA, 2003, p.11)

O poema, todo em letras minúsculas, com aquela dicção de que e. e. cummings gostava de escrever, parece indicar a direção de um vértice para lidar como o “corpo/angústia” da cidade mas também com a função de uma pedagogia do olhar, que seleciona, entre o visível e o invisível, mostrando o que deve ser retido pelos olhos e aquilo que se poderia deixar de lado. Apesar de sua poesia buscar os encontros não deixa de constatar que o próprio espaço citadino se verte em uma aporia à direção iluminada dos afetos. Mas, afinal, se a cidade remete ao caos, o que seria típico, na RAEM, já que, como afirma Ulrich Beck, o cosmopolitismo sem o provincianismo seria vazio e o provincianismo sem o cosmopolitismo seria cego? Uma das mais óbvias respostas, sem ser a única, corresponde à identificação da comunidade macaense

que consolidou miscigenações e criou uma intercultura toda própria.

### **Macaenses, origens e orfandade.**

Ainda na poesia, entre poemas como “Jardineiro”, “Tancareira”, “Passeio com passarinho”, “Tendinhas”, “Adivinhos”, “Tim-Tins”, de *Chu Kong*, de Maria do Rosário Almeida, hoje um livrinho célebre no qual reverberam afazeres, sons e imaginários, escritos com imagens concretas, precisas e corriqueiras de Macau, surge uma mulher *tan ka*, que trabalha no rio à espera do homem das caravelas, em “A Wan” (1987, p. 41-43). Cruzando o tempo atual e o antigo, a cena reverbera uma das teses sobre a formação identitária dos macaenses que diz respeito à união dos marinheiros portugueses com as tancareiras. O antropólogo Pina Cabral entendeu esta situação como a de uma “dupla margem” feita das águas internas (margens chinesas) e da água externa (oceanos), que teria gerado inúmeros estigmas que foram amplamente mostrados nas obras de Henrique de Senna Fernandes. Entre as teses sobre as origens dos macaenses prevalecem duas: uma de que os portugueses (e os europeus que residiram em Macau) misturaram-se com mulheres do sudeste asiático, da Índia à Malaca, e somente depois com chinesas; outra, a de que os portugueses e as chinesas conviveram desde o início do desenvolvimento do território. Ao longo da história da RAEM, a orfandade constituiu uma questão central ligada às hipóteses desses mitos das origens, inscrita, por exemplo, em “A-Chan, a tancareira” (SENA FERNANDES, 1997). Entendendo, em um primeiro momento e genericamente, a orfandade como a condição social de uma criança cujo pai e/ou mãe faleceram ou a abandonaram; no conto, a relação interétnica entre uma *tan ka* e um português marinheiro acaba por gerar uma filha que será levada para ser criada, em Portugal, pela irmã deste. O destino da tancareira, traçado na escrita, ancora-se no estado servil e discriminatório do espaço que essas populações flutuantes viviam em relação ao poder central da China, à sua sociedade tradicional que fixava um alto grau de importância e valor à terra e mais especificamente no que se refere à condição da mulher, dentro da organização familiar. E com relação à sociedade portuguesa que habitava Macau, esse grupo tinha um estatuto ambivalente tanto de cooperação quanto de segregação. No conto, a mulher é surpreendida pelas mãos que tomam a criança, sem capacidade de reação à “fatalidade” histórica. A orfandade parcial, materna, implica, na perspectiva do personagem português, uma decisão de evitar que a criança passasse por aquilo que Cabral e Lourenço (1993) definiram como estigma de humilhação, por ser fruto daquela dupla margem. Levá-la para longe seria, nessa perspectiva, dar-lhe um “novo início”. Se para uns, em Macau, o capital interétnico se transformou em benefício socioeconômico, para outros ou, ainda, para ambos, este capital nunca deixou de funcionar simultaneamente de forma deslizando dentro de estruturas discriminatórias. Alguns romances de Macau centram as suas narrativas em protagonistas órfãs, mas, por uma questão de espaço, por ora apenas serão indicados estes três. O primeiro é *Os dores* (2011), de Henrique de Senna Fernandes, uma obra póstuma e inacabada, estruturada em partes, nas quais o drama psicológico de Leontina, uma órfã encontrada perto da praia perpassa toda a

trama. Não se sabe como seria o desfecho do romance, mas diferentemente dos dois romances anteriores de Senna Fernandes, neste o que se evidencia é como o estigma de humilhação é interiorizado pela personagem principal, devido aos maus tratos na infância, tornando-a perversa consigo mesma, principalmente, nas decisões afetivas. Leontina define-se como uma “sobrevivente” porque se percebia “apenas” como uma “bambina”, uma “crioula”. O segundo é *Doomsday Hotel*, de Wong Bik Wan, que retrata a memória da vida de uma órfã de Macau por pequenos fatos acidentais que acontecem ao percorrer o hotel Doomsday. O nome fictício do hotel é usado para falar do Bela Vista, um dos ícones da arquitetura portuguesa e símbolo da administração colonial de Macau. O hotel é herdado pela órfã que prepara uma festa para a sua reabertura, mas só aparecem fantasmas. A narrativa é fragmentada e as lembranças a *promises*, do escritor Austin Coates (1987), que, baseado na história de uma menina chinesa abandonada e vendida à prostituição aos 13 anos de idade, depois do seu relacionamento com Thomas Merop, filho do fundador da companhia Lloyd, passa a ser uma das mais ricas comerciantes do ópio da costa chinesa e benemérita da cidade. As três narrativas conectam fios de representatividade da formação social de Macau que, em outro momento, serão melhor investigados.

De qualquer modo, aquela comunidade macaense mestiça, que usava uma língua própria, comia a partir de uma culinária própria e que habitava casas em um estilo próprio consolidou a interculturalidade que constitui a base do entendimento de Macau como um lugar especial. Sendo assim, deveria ser cuidada com empenho significativo. De novo, através da poesia, é possível voltar no tempo e percorrer as histórias familiares de personagens muito vivas como as que aparecem na obra de José Inocêncio dos Santos Ferreira, conhecido popularmente como Adé – “ti Vecenta”, “Titi Chai”, “Nhum Chico”, “Bita”, “Apau” e “Lilita” – ou ainda, com aquelas bem reconhecidas por essa comunidade, como “Paulo, cabo ranchéro”, “Nhum Juan” soldado, “A-Loi” dos sorvetes. Essas personagens, citadas na sua obra poética, movem-se por ruas arborizadas, casas avarandadas, com quintais e pomares, com as “nho-nhonha” a cozinhereis saborosas comidas. O *papiaçam* tem interessado linguistas de todo o mundo, mas o que gostaria de sublinhar, neste curto espaço, é que das três formas enunciadas por João Feliciano Marques Pereira, o macaísta cerrado ou puro, o modificado e o falado pelos chineses, Adé usa a primeira que era característica para falar dos assuntos picarescos e da vida íntima de Macau, muito própria das classes menos favorecidas. Enquanto cozinham, as “nho nhonha” iam “papiando” sobre a vida cotidiana, comparando o tempo atual com o passado e julgando sempre este, mais antigo, melhor do que o atual. Os poemas “Macau”, “Macau di tempo antigo”, “Macau, Beléza di Passado”, “Nôso Macau di Agora” e “Macau Modernado”, entre outros, caracterizam-se por um olhar decadente frente às mudanças por que foi passando a região e mesmo que o tempo tenha trazido alguns benefícios, só pode ser percebido em sua ambivalente perda de aura, ou seja, daquele sentido da experiência. Ou seja, mais uma vez, o que se observa é o sentido da orfandade, ligado à noção de destino no processo histórico, ou nas margens dele.

E não está mesmo toda essa riqueza cultural, de fio a pavio, em risco de extinção? Como

afirma Miguel de Senna Fernandes não basta uma récita ao ano para manter viva a cultura, ainda mais frente a outras que são muito mais fortes politicamente. É preciso uma ação vigorosa.

### **Para concluir: rotas esquivas**

Além de a orfandade poder ser relacionada, na literatura, aos mitos das origens, como no conto de Henrique de Senna Fernandes; no que se refere à sociedade macaense, ela se liga diretamente, nos romances citados, a outras questões que são a subalternidade feminina e o mercado matrimonial, também à escravidão e à venda de mulheres nas rotas do império português. No sul da China, o termo que circula para designar as crianças pobres do sexo feminino compradas para os mais variados serviços de unidades domésticas tanto chinesas como de Macau é *muitsai*. Segundo Boxer (1990) a palavra não era muito utilizada pela documentação oficial até finais do século XVIII. Para Poon (2000, apud SOUSA, 2011), o termo começou a ser utilizado apenas em finais do século XIX e décadas seguintes do século XX. O interesse por essas questões é relativamente novo e muito trabalho necessita ser feito.

O caminho percorrido pode confrontar as versões e apontar a algumas similaridades porque se Papa Osmubal atesta um mundo em distopia, com o esvaziamento de sentido das marcas históricas da cultura portuguesa, os macaenses, principalmente, aqueles que cultivavam a língua portuguesa e o *papiaçam*, de ascendência europeia e fé cristã, expressam justamente os processos pelos quais o tempo passou a ser percebido como agônico. Mais uma vez, evidencia-se um sentido de abandono ou de despartencimento, ao fim e ao cabo de um nevrálgico processo de transferência administrativa. Por outro lado, o desenvolvimento da cidade a partir das matrizes “cristã” e “chinesa” com os macaenses pelo meio significou, ao olhar de Yi Ling, a descaracterização dos modos de ser e de viver dos chineses que habitavam a região. Nem sempre as estrelas brilharam aos “amarelos”, hoje, donos da cidade. Em meio a dissensos, o único consenso parece estar na instabilização daqueles discursos oficiais de Macau como terra de encontro. Ao contrário, através das fontes de diferentes línguas, a região se desenvolveu exatamente por sucessivos erros, enganos e tropeços e com o pano de fundo do progresso devorando tudo.

Rui Rocha, ao seguir a ideia do educador francês Jean-Claude Forquin, para quem a multiculturalidade da sociedade não deveria ser uma justaposição de “monoculturalidades” fechadas, porque esse modelo transporta consigo o germe da segregação ou da auto-segregação, percebe que seja necessário um novo modelo educacional multilíngue com o objetivo de afastar os perigos ao convívio entre os diferentes grupos sociais. Se for verdade que, na contemporaneidade, a importância de um espaço assenta-se sobre o potencial de suas conexões ao invés de tamanho da superfície e da população, ou seja, substituindo a estatística quantitativa pela avaliação estrutural de mobilidade, a RAEM pode ser observada a partir de um ponto de vista mais dinâmico com relação aos seus processos de formações identitárias, com consequências

em várias áreas, incluindo a literatura. A contraposição da ideia de que a RAEM surgiu a partir de uma *cidade aberta* torna-se mais visível quando as questões que envolvem a identificação do espaço são tratadas comparativamente, já que uma das considerações a se fazer é que, talvez, seja possível distinguir um concerto em torno da noção de que a ela seja um espaço bastante impermeável, de difíceis negociações em torno da sensação de pertencimento. Mas, por outro lado, a partir do modelo multilíngue, não se poderá mais atestar, como no passado, que a sua produção literária seja, incipiente. Em nenhuma hipótese.

## Referências

ALMEIDA, Maria do Rosário. *Chu Kong*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1987.

AMARO, Ana Maria. Macau, terra de contrastes. In: CRUZ E SILVA, J. A. *Um olhar sobre Macao*. Macau: Fundação Oriente, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991.

ARRIMAR, Jorge; YAO, Jingming (org.) *Antologia de poetas de Macau*. Macau: Instituto Camões, Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente, 1999.

BARBOSA, Paulo. Nos tempos em que Macau era bairrista. *Revista Macau*, IV série, n. 29, dezembro de 2002, p. 30-35.

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. Uma entrevista com Homi Bhabha. Entrevistador Jonathan Rutherford. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidadania*. Rio de Janeiro, n. 24, 1996.

\_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORDEN, Ian. The ‘strangely familiar’ city: cultural challenges to the city objects. *Culture of Metropolis in Macau. An International Symposium on Cultural Heritage Strategies for Twenty-first Century*. RAEM: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau, 2001, p. 97-103.

BOXER, Charles R. *Mary and Misogyny: women in Iberian Expansion Overseas (1415 – 1815). Some facts, fancies and personalities*. London, Duckworth, 1975.

BROOKSHAW, David. A escrita de Macau: uma literatura de circunstâncias ou as circunstâncias de uma literatura. In: LABORINHO, Ana Paula; PINTO, Marta Pacheco (org.). *Macau na escrita, escritas de Macau*. Famalicão: ed. Humus, 2010.

BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: ed. Unesp, 2011.

CABRAL, Pina e LOURENÇO, Nelson. *Em terra de tufões: dinâmicas da etnicidade macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993.

CHEN, Arthur H (ed.) *Culture of Metropolis in Macau. An International Symposium on Cultural Heritage Strategies for Twenty-first Century*. RAEM: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau, 2001 a.

\_\_\_\_\_. Revitalizing the cultural symbiosis of Macau. *Culture of Metropolis in Macau. An*

*International Symposium on Cultural Heritage Strategies for Twenty-first Century*. RAEM: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau, 2001 b, p. 75-81.

CHENG, Miu-Bing (Christina). *Macao: a cultural Janus*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 1998.

CHENG Wai-Ming. Literatura chinesa de Macau entre os anos oitenta e os princípios da década de noventa. *Revista da Administração*, n. 29, vol VIII, 3º., 1995, p. 501-523.

CORREIA, Ana Cristina Rouillé. Macau, macaenses e língua portuguesa. *Revista Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 7. Lisboa, outubro-dezembro de 1999, p. 119-124.

DIAS, Fernanda. *Contos da água e do vento: recontos*. RAEM: Livros do Meio, Instituto Cultural de Macau, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Sol, a Lua e a via do fio de seda: uma leitura do Yi Jing*. RAEM: Livros do Meio, Instituto Cultural de Macau, 2011.

\_\_\_\_\_. *Chá verde – poemas*. RAEM: C. A. da Cultura, 2002.

\_\_\_\_\_. *Rio de erhu – poemas*. RAEM: Fábrica de livros, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dias da prosperidade – contos*. Macau: Instituto de Cultura de Macau, 1998.

\_\_\_\_\_. *Horas de papel – poemas*. Macau: Livros do Oriente, 1992.

ESTIMA DE OLIVEIRA, Alberto. *Mesopotâmia: espaço que criei*. Lisboa: Aríon Publicações, 2003.

FILIPE, Mário. Macau e a situação futura da língua portuguesa. *Revista Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 7. Lisboa, outubro-dezembro de 1999, p. 102-106.

GROSSO, Maria José Reis. Macau, identidade multilíngue. *Revista Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 7. Lisboa, outubro-dezembro de 1999, p. 96-101.

LABORINHO, Ana Paula. Por uma lusofonia a oriente: sinais do passado, estratégias do presente. Apresentação. *Revista Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 7. Lisboa, outubro-dezembro de 1999.

\_\_\_\_\_. Macau e a escrita. Termos de um problema. In: LABORINHO, Ana Paula; PINTO, Marta Pacheco (org.). *Macau na escrita, escritas de Macau*. Famalicão: ed. Humus, 2010.

MEXIA, Pedro. Caminho de pedras: sobre a poesia de Alberto Estima de Oliveira. In: ESTIMA DE OLIVEIRA, Alberto. *Mesopotâmia: espaço que criei*. Lisboa: Aríon Publicações, 2003, p. 139-143.

NGAI, Gary M. C. Macao's identity: the need for its preservation and development into the next century. In: CHEN, Arthur H. (ed.) *Culture of Metropolis in Macau. An International Symposium on Cultural Heritage Strategies for Twenty-first Century*. RAEM: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau, 2001, p. 139-151.

PITEIRA, Carlos Manuel. *Mudanças sócio-culturais em Macau. A questão étnica do macaense*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1999.

KELEN, Christopher (Kit). *Idolatria dos antepassados e outros poemas de Christopher (Kit) Kelen*. Trad. Andreia Sarabando. Lisboa: Edição CEPAPS, FCSH e FCT, 2013.

ROCHA, Rui. Macau, multicultural society? *Revista de Cultura. Series II*, n. 78, October, 1998, p. 26-31.

SATKOWSKI, Leon. *The myth of the open city: the Venetian ghetto and the architecture of segregation*. In: CHEN, Arthur H. (ed.) *Culture of Metropolis in Macau. An International Symposium on Cultural Heritage Strategies for Twenty-first Century*. RAEM: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau, 2001, p. 205-212.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Abdala. São Paulo: Unesp, 2011, p. 65-98.

SENA FERNANDES, Henrique. *Nan Van: contos de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os Dores*. RAEM: Instituto de Cultura de Macau, 201

SIMAS, Monica. Macau: a plural literature? *Asian Diasporic Visual Cultures and the Americas*, vol. 2, USA: Columbia University, 2016, p. 51-67.

\_\_\_\_\_. *Margens do destino. Macau na literatura em língua portuguesa*. São Caetano: YENDIS ed., 2007.

\_\_\_\_\_. A tradução na paisagem poética de Macau entre a diversidade e a diferença cultural. In: Izabela Leal, José Guilherme dos Santos Fernandes, Sylvia Trusen. (Org.). *Tradição e Tradução entre trânsitos e saberes*. 1ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016, v. 1, p. 78-96.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 39-63.

SOUSA, Ivo de Carneiro. *A outra metade do céu. Escravidão e orfandade femininas, mercado matrimonial e elites mercantis em Macau (séculos XVI – XVIII)*. China Shenzhen: Saint Joseph Academic Press, 2011.

TEIXEIRA-E-SILVA, Roberval; LIMA-HERNANDEZ, Maria Célia. Políticas linguísticas e língua portuguesa em Macau, China: à guisa de introdução. *Revista Signótica*. Goiás, volume 26, 2014, p. 61-76. Versão eletrônica em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/31400/16841>. Acessado em 20/01/2020.

TEIXEIRA-E-SILVA, Roberval. Linguagem, cultura e interação: espaços simbólicos construídos em língua portuguesa na China e em Macau. *Fragmentum*, v. 1 e 2, n. 35, 2012.

WESSELING, Henk. História de além-mar. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Abdala. São Paulo: Unesp, p.99-133.

WORDIE, Jason. *Macao: people and places, past and presente*. Hong Kong: Angsana Int., 2013.

YAO, Feng. *Palavras cansadas da gramática*. Poesia e fotografia. Lisboa: Gradiva, 2014.